

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
HISTÓRIA LICENCIATURA



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**LUÍZA BITTENCOURT: CULPADA?!**

O sensacionalismo nas páginas do jornal *O Rebate* sobre “O Caso da Menor Raptada” (1914)

**Estela Maris Souza Ochôa**

**Pelotas, 2019**

**Estela Maris Souza Ochôa**

**LUÍZA BITTENCOURT: CULPADA?!**

O sensacionalismo nas páginas do jornal *O Rebate* sobre “O Caso da Menor Raptada” (1914)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção de título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Pelotas, 2019

## BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes (Orientador)

---

Prof. Dr. Mauro Dillmann Tavares (UFPel)

*In Memoriam* a meu pai, José Carlos Ochôa (Juca), que me ensinou a amar Pelotas e sua história. Para ti dedico este trabalho repleto de saudades e de amor. Te amo Jucão!

## AGRADECIMENTOS

Não poderia começar estes agradecimentos sem citar a pessoa que mais me incentivou e que suportou durante os anos da graduação todas as minhas dúvidas, incertezas, euforias e alegrias. A ti minha filha amada e melhor amiga, Izabela, minha eterna gratidão, todo o amor que houver neste mundo e nunca esqueça: "se a gente vai juntinho, vai bem." Sempre juntas!

A minha mãe, meu porto seguro, que mesmo muitas vezes não entendendo esse mundo "estranho" da universidade, fez de tudo para que eu chegasse até o fim do curso, me apoiando e transbordando de orgulho pela filha que chegou ao nível superior, eu te amo infinitamente! Obrigado por estar sempre ao meu lado!

Aos meus irmãos, Nilmar e Eduardo, por todo o apoio nesses últimos anos, que foram difíceis e exaustivos. Obrigada por tudo, amo vocês demais e sem vocês, eu nada seria!

Agradeço também aqueles que foram imprescindíveis nessa caminhada, a também geminiana Zani (Simone) e ao super zen Luís, colegas queridos que a História me deu! Obrigada por toda a ajuda e por todas as conversas longas e filosóficas que compartilhamos nestes anos, enquanto esperávamos o ônibus para voltar para a casa. Levarei vocês no coração!

A minhas amigas e colegas de trabalho, Paula, Valkíria e Daiana que mesmo não sendo da área de história, sempre estiveram dispostas a ouvir meus ensaios para seminários e minhas longas leituras de textos para provas. Obrigada pela paciência e empatia! Adoro vocês.

Meu agradecimento especial ao meu orientador professor Aristeu, por toda a paciência com meus horários apertados e meu tempo curto. Grata pela atenção e por todo o incentivo para que eu não desistisse e acreditasse que daria tudo certo. É muito importante ter ao lado um orientador que entenda as dificuldades pelas quais o graduando passa e tu fostes o eixo principal para que eu conseguisse chegar ao final desta etapa de maneira confiante. Obrigada!

Agradeço a minha mãe Iemanjá por ter me mantido em pé nestes anos, que foram de perdas enormes e de conquistas esperadas. Odoyá mãe!

E para terminar agradeço a Luiza Bittencourt, que compartilhou sua história comigo para que fosse o tema deste trabalho, pois sem ela este não aconteceria.

Pelotas, dezembro de 2019.

## RESUMO

OCHÔA, Estela Maris Souza. **Luíza Bittencourt: Culpada?! O sensacionalismo nas páginas do jornal *O Rebate* sobre “O caso da menor raptada” (1914).** Pelotas: UFPel, 2019. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em História, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

O jornal pelotense *O Rebate* (1914 -1923) possuía uma característica marcante que era o uso do sensacionalismo como forma de atrair o leitor. Em suas páginas era possível encontrar notícias breves sobre a sociedade da cidade de Pelotas, críticas calorosas ao governo do município - visto a posição política de oposição do jornal - e até mesmo relatos dos crimes ocorridos em Pelotas. Ao analisar o periódico encontramos o caso do suposto rapto da menor Florêncio Bittencourt e o sensacionalismo em torno do caso que se tornou o objetivo principal deste trabalho. Entender como o sensacionalismo foi fundamental para que o rapto se tornasse um dos casos mais comentados da época, suas especificidades e os personagens envolvidos, trazendo como figura principal a acusada do rapto, a mãe da menor, Luiza Bittencourt. Para isso as edições de outubro e novembro de 1914 do jornal foram estudadas e analisadas de modo que pudesse ser demonstrada a originalidade da pesquisa e sua relevância para o entendimento do contexto em que estes personagens viviam na primeira década do século XX.

**Palavras-chave:** *O Rebate*; sensacionalismo; preconceito; mulher; Pelotas.

## ABSTRACT

OCHÔA, Estela Maris Souza. **Luíza Bittencourt: Guilty?! The sensationalism in newspaper pages *O Rebate* about “The case of younger ravished” (1914).** Pelotas: UFPel, 2019. Term Paper, Degree in History, Federal University of Pelotas, 2019.

The newspaper *O Rebate* from Pelotas (1914 – 1923) had as a remarkable characteristic using sensationalism to get reader's attention. On its pages it could be found brief news about city of Pelotas society, warm critique about municipal government – given its opposition political stance – and even reports from crimes that took place in Pelotas. Analysing the newspaper we have found the case of the alleged kidnapping of Child Florêncio Bittencourt and the sensationalism around the case. To understand how sensationalism was fundamental to make this kidnapping become one of the most commented cases of the era, its peculiarities and the involved characters, bringing as main figure the accused kidnapper, child's mother, Luíza Bittencourt, has become the main goal of this work. To do so in this original research, editions of October and November from 1914 from the newspaper were studied and analysed making possible to show the relevancy to understanding of the context in which these characters lived in the first decade of the 20th century.

**Keywords:** *O Rebate*; sensationalism; preconception; woman; Pelotas.

## **LISTA DE FIGURAS**

- FIGURA 01- Fotografia de Luíza Bittencourt e Florêncio Bittencourt.....34  
FIGURA 02- Capa do jornal *O Rebate* de 06 de novembro de 1914.....41

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

CDOV- Centro de Documentos e Obras Valiosas Biblioteca Pública Pelotense

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>Introdução.....</b>   | 12 |
| <b>CAPÍTULO 1: A imprensa sensacionalista em Pelotas: jornal O Rebate.....</b> | 17 |
| 1.1 História da Imprensa.....  | 17 |
| 1.2 Metodologia.....   | 19 |
| 1.3 O Rebate brevemente.....   | 21 |
| 1.4 Sensacionalismo.....   | 22 |
| <b>CAPÍTULO 2: O Caso da Menor Raptada.....</b>                                | 28 |
| 2.1 O Rebate para a pesquisa.....  | 28 |
| 2.2 Os personagens.....  | 29 |
| 2.3 O Caso da Menor Raptada - os fatos segundo o jornal .....                  | 29 |
| 2.4 “Scenas Degradantes!!!” O resgate de Florêncio Bittencourt.....            | 37 |
| 2.5 Florêncio e a repercussão do desfecho do rapto.....                        | 39 |
| <b>Conclusão.....</b>  | 44 |
| <b>Fonte.....</b>  | 47 |
| <b>Referências Bibliográficas.....</b>   | 47 |

## Introdução

Ao longo do curso de História mantive minha atenção voltada a todo assunto em que a cidade de Pelotas estivesse envolvida, pois acredito ser esta uma fonte inesgotável de temas relevantes para um historiador, visto sua importância histórica, econômica e cultural, além de ocupar lugar de destaque no Rio Grande do Sul, devido ao poder das charqueadas existentes na cidade no século XIX e de seu histórico escravista (VARGAS, 2011, p.1).

Depois de muito pesquisar, tive acesso ao periódico pelotense *O Rebate*<sup>1</sup>, jornal que circulou na cidade entre os anos de 1914 e 1923. O periódico trazia em seu contexto um jornalismo de cunho sensacionalista, onde os leitores podiam acompanhar com detalhes todo o tipo de notícia, desde propagandas diversas, notas sobre as sociedades das cidades de Pelotas e Rio Grande, notícias de crimes e até mesmo de suicídios, todas com viés sensacionalista que poderiam despertar o interesse do leitor<sup>2</sup> conforme o contexto da época.

Na edição de 13 de outubro de 1914, o jornal traz uma nota com a manchete “Caso da Menor Raptada”, no qual notícia o suposto “rapto” da menina Florêncio Bittencourt, trazida de Porto Alegre por sua mãe, Luiza Bittencourt, sem o consentimento do pai, Armando Bittencourt. O jornal apresenta a informação de que a menina estaria hospedada na casa da mãe, na rua Cassiano do Nascimento 507, entre as ruas Payssandú e Marquez de Caxias<sup>3</sup> e que essas vivem juntamente com a avó materna de Florêncio. O *Rebate* aponta figuras importantes na cidade, como “protetores” de Luiza, deixando uma dúvida das reais intenções destes para com a jovem mãe já na apresentação do caso ao leitor. Além disso, os termos utilizados ao se referir a Luiza eram desrespeitosos, machistas, misóginos e preconceituosos.

---

<sup>1</sup>O *Rebate*: periódico da cidade de Pelotas (1914-1923); redator chefe Frediano Trebbi.

<sup>2</sup>As edições do jornal se encontram no Centro de Documentos e Obras Valiosas (CDOV) da Biblioteca Pública Pelotense.

<sup>3</sup>Atuais ruas Dr Cassiano, Barão de Santa Tecla e Santos Dumont, respectivamente.

Este caso acabou por despertar o meu interesse, pelo diferente modo como foram tratados os envolvidos, em especial a mãe, Luíza Bittencourt. Também por ter sido noticiado diariamente nos meses de outubro e novembro, trazendo sempre a manchete “*Caso da Menor Raptada*”, o que me faz compreender que, desta forma, ficaria claro para o leitor, ao ler a manchete, do que se tratava. Este tipo de publicação era uma característica da imprensa chamada *sensacionalista*, a qual, conforme Danilo Angrimani Sobrinho é assim definida:

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexiste a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional. O termo “sensacionalista” é pejorativo e convoca a uma visão negativa do meio que o tenha adotado. Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível. A inadequação entre manchete e texto – ou ainda, manchete e foto; texto e foto; manchete, texto e foto – é outra característica da publicação sensacionalista, o que pode reforçar a posição de descrédito do leitor perante o veículo. Isto porque a manchete, dentro da estratégia de venda de uma publicação que adotou o gênero sensacionalista, adquire uma importância acentuada. A manchete deve provocar comoção, chocar, despertar a carga pulsional dos leitores. São elementos que nem sempre estão presentes na notícia e dependem da “criatividade” editorial. A edição do produto sensacionalista é pouco convencional, escandalosa mesmo. (ANGRIMANI,1995, p.16)

Ao ler as edições do periódico, percebi os contrastes da sociedade em relação ao trato do pai e da mãe da menina nas notas publicadas. Isso faz parte do contexto em que esses indivíduos viviam e posso começar a compreendê-lo a partir da cidade em que o caso se desenrolou, Pelotas.

Primeiramente, deve-se entender que a cidade de Pelotas passava por transformações culturais, econômicas e sociais no início do século XX. Anteriormente, Pelotas fora uma grande exportadora de charque, que fez com que a cidade se tornasse próspera financeiramente e tivesse grande número de pessoas escravizadas, que trabalhavam e viviam nessas charqueadas (VARGAS,2012, p.79). Com as consequências causadas pela Abolição da escravatura em 1888, a Revolução Federalista em 1893 e com a chegada dos frigoríficos, o comércio de gados tornou-se problemático para as famílias tradicionais pelotenses, que já não possuíam mais a riqueza de outrora, mas

ainda carregavam o poder do tempo de prosperidade no sobrenome. Com a queda das charqueadas, os frigoríficos e fábricas passaram a ser o principal polo de trabalho para a cidade (inclusive atraindo imigrantes como mão de obra) e assim transformando as características econômicas da cidade (GOUVÊA,2015, p.25-26).

É neste período que a cidade começa a passar por transformações, por processos de modernização importantes para o desenvolvimento, tais como iluminação elétrica, pavimentação e ampliação das ruas, transporte público, projetos de praças para o uso comum da população e saneamento básico. A cidade já não respira mais o ar de aristocracia europeia que tanto encantava os estrangeiros (MAGALHÃES, 1993, p.40,41 e 42). Pelotas agora é uma cidade que tenta resolver seus problemas de infraestrutura e a população mais pobre acaba por ser a mais afetada. E assim como acontece no Rio de Janeiro<sup>4</sup>, uma das consequências de toda a transformação que a cidade está passando neste período, diz respeito as moradias populares, os *cortiços* como eram chamados, pois quando as áreas centrais recebem uma espécie de “embelezamento”, ou seja, passam por processos de saneamento e de proibições deste tipo de habitação, os mais pobres se instalaram em áreas periféricas da cidade, o chamado “bairro sujo” (MOURA,2006, p.32). Pelotas possuía um grande número deste tipo de habitação e isso causava grandes problemas para os rumos que a cidade estava tomando. Então os mais pobres passaram a ir para áreas mais afastadas do centro da cidade, porém mais perto das fábricas. Isso se dava porque não possuíam recursos suficientes para adquirir sua casa própria e deste modo, pagam aluguéis de casas modestas, na sua maioria muito pequenas e de baixa infraestrutura (MOURA,2006, p.83). Essas pessoas trabalhavam muito e se divertiam pouco ou como podiam, um exemplo de diversão são as bodegas<sup>5</sup> e casas de tolerância<sup>6</sup> que se transformam em refúgio para os trabalhadores e são nesses lugares que o periódico *O Rebate*

---

<sup>4</sup>A cidade do Rio de Janeiro passa por um processo de reforma urbana onde as classes pobres foram deslocadas das áreas centrais da cidade e alocadas em áreas afastadas do perímetro urbano, em uma espécie de “limpeza” da cidade, o chamado “bota-abixo do prefeito Pereira Passos”; sobre a reforma e as habitações populares ver: MATTOS, 2008.

<sup>5</sup>**Bodega**: substantivo feminino; interjeição; Taberna em más condições de higiene, comida simples, pequeno armazém (Brasil). Gíria: coisa péssima.

<sup>6</sup>**Casa de tolerância**: sinônimo; prostíbulo, cabaré, onde se tolera.

encontra o conteúdo para a maioria de suas notícias, publicadas de maneira sensacionalista e dramática, fazendo com que o leitor acompanhasse os casos envolvendo esses locais e seus acontecimentos, além de usar as tragédias populares como provocação ao governo republicano, ao qual o jornal fazia oposição (GOUVÊA, 2012, p.22):

(...)Compreende-se, deste modo, que a visibilidade dada a notícias de crime e as constantes críticas ao governo municipal eram realizadas por meio de um corpo jornalístico que embora se considerasse como independente de qualquer partido político, vínculo comum na imprensa da época, possuía ligações com princípios políticos de oposição. (GOUVÊA,2015, p.19)

O jornalismo de *O Rebate* traduzia, portanto, o contexto em que a cidade (a sociedade em geral) vivia, assim favorecendo as edições já que “quase” tudo podia, e é exatamente esse tipo de imprensa que vou abordar neste trabalho, sempre tendo como foco o papel de Luiza Bittencourt no caso.

O objetivo desta pesquisa é analisar as edições de *O Rebate* a partir do dia 13 de outubro de 1914, quando o caso é apresentado, até o dia 09 de novembro do mesmo ano, que foi a última nota dada pelo jornal, a fim de compreender o sensacionalismo do caso através das notas direcionadas, tendo como foco o papel atribuído à mãe, Luiza Bittencourt.

Com isso pretendo encontrar os caminhos que levaram ao julgamento moral dessa mulher através das páginas do *O Rebate*, entendendo a sociedade patriarcal em que Luiza vivia, juntamente com todo o contexto que levou aos fatos narrados no periódico e o porquê de sua voz não ser ouvida, provando como o machismo e o sensacionalismo andaram juntos neste caso.

Para isto, este trabalho será dividido em 2 capítulos, sendo o **capítulo 1** uma explicação sobre os rumos da minha pesquisa, como foram respondidas as perguntas que surgiram no processo, a metodologia usada no trabalho, apresentada de modo a compreender o fato ocorrido (o porquê da mãe, Luiza, ter sido hostilizada e acusada do rapto da filha, Florêncio Bittencourt). Apresentarei o jornal *O Rebate*, para que fique mais claro ao leitor deste trabalho como este era composto em suas configurações e sua importância para a cidade de Pelotas no início do século XX. Também será analisado o

termo *sensacionalismo*, pois pretendo entender como se apresentava na sociedade daquela época e para isto irei recorrer a análise de outros autores e suas definições sobre o conceito.

**Capítulo 2.** Neste capítulo explorarei o caso do rapto relatado nas páginas do periódico, começarei com uma explicação breve sobre o jornal e os desdobramentos que me levaram a analisá-lo. Logo depois apresentarei os personagens envolvidos no suposto crime, sempre buscando entender os termos utilizados para se referir a Luiza, conforme o contexto da época e desta forma como o sensacionalismo teve importante papel no julgamento moral em que a mãe se encontrava a cada publicação do caso.

# CAPÍTULO 1

## **A imprensa sensacionalista em Pelotas: jornal *O Rebate***

### **1.1 História da Imprensa**

O jornal pelotense ***O Rebate*** (1914-1923) tem em seu histórico uma linha editorial que não passa desapercebida, visto que suas notícias possuíam uma linha dramática e sensacionalista que tinha intenção de fazer com que o leitor tivesse sua atenção voltada para o periódico a cada número. Um destes casos, o rapto de Florêncio Bittencourt, teve uma considerável duração que foi, provavelmente, acompanhada com atenção pelos leitores do jornal.

O caso é relevante não apenas pelo fato em si, mas pelo aglomerado de informações ocultas que ao pesquisar foram encontradas. Não se trata de mensagens conspiratórias ou algo semelhante, mas sim das questões políticas e sociais implícitas em cada nota dada sobre o suposto rapto.

Para que fique mais claro, seguirei como linha metodológica questionamentos fundamentais para a estrutura deste capítulo. Cada pergunta será respondida de maneira a formar um caminho que me leve até o entendimento das perguntas chave deste trabalho: “Por que Luiza Bittencourt é culpada? Quais fatos levam a essa afirmação?”

A metodologia da pesquisa com jornais como fonte deve seguir uma direção que me leve a questionar a todo o momento as informações encontradas, sempre buscando o estranhamento necessário para um trabalho coerente e confiável.

A Imprensa é linguagem constitutiva do social, detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. (CRUZ, PEIXOTO,2007, p.8)

As autoras Heloisa Cruz e Maria do Rosário Peixoto, deixam claro que para um bom trabalho sobre imprensa é preciso conhecer o contexto do tipo de

imprensa que irá ser trabalhado, isto é, entender como se constitui, qual sua finalidade, a quem se destina, quem alcança etc.

Ao escolher a imprensa como fonte histórica, devo ter a consciência de que essa pesquisa deve ser cuidadosa para que seja feita a análise necessária do objeto em questão. Como historiadora devo ter a sensibilidade de entender a fonte a qual estou debruçada, indagando e questionando suas intenções e buscando o contexto que as explique.

Para isto, ao pesquisá-la para este trabalho, pude observar muito do que as autoras destacam como essencial. O periódico em questão se apresenta como uma fonte inesgotável de informações sobre a sociedade da época.

Tendo *O Rebate* como fonte, começo a perceber quando Marialva Barbosa diz que:

construir história da imprensa é fazer o mesmo movimento da “escrita da história”. É perceber a história como processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos. Compete ao historiador perguntar pelos silêncios e identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política. (BARBOSA, 2013, p.7)

Com isso, a autora fala sobre o cuidado que o historiador deve ter ao interpretar a história, prestando atenção no contexto em que a fonte estudada foi produzida e assim por diante, além de evitar generalizações.

Para ter êxito em minha pesquisa busquei entender como a história da imprensa está relacionada com o caso específico que escolhi como tema. Explicando melhor, quando Marialva Barbosa fala em “*perceber a história como processo complexo*”, fica claro para mim, tendo *O Rebate* como referência, que preciso esgotar todo o tipo de leitura e interpretação que eu seja capaz de fazer neste momento sobre o caso. Para isto, devo entender não apenas o periódico, mas o contexto social em que ele está inserido e assim tentar compreender como e porque a notícia foi apresentada daquela forma.

Dessa maneira, para melhor assimilar a história do jornal *O Rebate* e o contexto no qual ele estava inserido, é importante conhecer parte da história da

imprensa, um tema muito procurado por pesquisadores por apresentar um enorme volume de fontes.

Tânia de Luca (2006, p.111), relata que até a década de 1970, a imprensa não era reconhecida como fonte para estudos acadêmicos e desta forma pouco material era publicado onde a imprensa se fazia presente como fonte histórica. A autora cita que os jornais eram vistos como “enciclopédias do cotidiano” e que apresentavam apenas fragmentos do dia-a-dia, do tempo presente, de pequenos causos, que tinham seus interesses e suas motivações pessoais.

O livro de Nelson Werneck Sodré *História da Imprensa no Brasil*, é citado como uma das maiores referências para esse tipo de pesquisa, pois foi ele que deu base e sustentação para que a imprensa fosse considerada fonte confiável a partir de 1970 (LUCA, 2006, p.117).

Além de Nelson Werneck Sodré, Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado também abordaram a importância da história da imprensa, em seu livro de 1980 *O bravo matutino*, elas pesquisaram o papel do jornal republicano e analisaram a forma como o jornal fazia voz para certos setores da sociedade. Também Vavy Pacheco Borges pesquisou os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano* e *Diário Nacional*, (1970) onde pode perceber como articulava-se a política da época envolvendo Getúlio Vargas e a oligarquia do estado, desta forma deixando claro como a imprensa foi importante para que essa época da história fosse compreendida.(LUCA, 2006,p.117)

## 1.2 Metodologia

Para esta pesquisa tenho como fonte *O Rebate* e suas edições sobre o caso do suposto rapto da menor Florêncio Bittencourt, fato este que segundo o jornal, causou comoção e alvoroço na cidade de Pelotas na época que ocorreu.

Este caso é citado na monografia de Melissa Gouvêa (GOUVÊA,2012, p.27), mas não explorado, o que torna esta pesquisa inédita. A autora desenvolve um estudo sobre o jornal *O Rebate*, tendo como base os crimes

noticiados pelo jornal. Gouvêa fala sobre os casos de polícia que o jornal publicou, mas além disso ela analisa o fato desses casos serem tratados de forma sensacionalista pelo periódico em questão tendo como foco principal os pobres da cidade e seus “crimes sobre crimes”. Melissa Gouvêa analisa esses casos publicados na seção do jornal *O Rebate* intitulada *Scenas de Sangue*, onde são narrados de forma dramática os crimes ocorridos na cidade, em especial os homicídios. Gouvêa diz que podemos afirmar que esses relatos de crimes publicados em *O Rebate*, sejam fictícios ou reais, servem para entendermos e compor a vida cotidiana da cidade no contexto da época (GOUVÊA,2012, p.62).

Tratarei deste caso do rapto da menor especificamente, utilizando a leitura feita em *O Rebate* sobre o fato, para compreender o sensacionalismo do caso, além de perguntas que foram surgindo conforme a pesquisa avançava.

A intenção é entender o modo como o suposto rapto se tornou caso de julgamento moral, tendo como fio condutor o *sensacionalismo* do jornal, visto que a mãe acusada de raptar a própria filha foi apresentada nas páginas do jornal como a mãe *meegera, desvairada e ingrata* (*O REBATE*, 13 outubro de 1914).

Como a imprensa local noticiou o caso? Por que Luiza não teve chance de dar sua versão antes de ser apresentada à cidade como a mãe que roubara a filha dos braços do pai? Quem eram os personagens importantes na cidade que estavam envolvidos no caso? E quais suas motivações para ajudarem Luiza? Como ficou a menina Florêncio e sua mãe Luiza no fim do ocorrido?

São questões que me levam a pensar no caso a partir das publicações sensacionalistas de *O Rebate*, da forma preconceituosa e machista, que acaba por reforçar o aparente lugar da mulher na sociedade da época<sup>7</sup>. Para isso, entender o termo sensacionalismo será essencial, pois somente assim a análise do caso do rapto da menor noticiada nas páginas do jornal em questão, terá uma conclusão palpável e que não seja baseada em especulações ou senso comum.

---

<sup>7</sup>Sobre o contexto social em que vivia a mulher do início do século XX, ver: (DEL PRIORE,2004).

### 1.3 *O Rebate* brevemente

O *Rebate* circulou na cidade de Pelotas do ano de 1914 até o ano de 1923, tendo como editor chefe Frediano Trebbi. Atendia algumas cidades perto de Pelotas (Rio Grande, Canguçu e Caçapava do Sul) e sua distribuição também foi verificada na cidade de Montevidéu, Uruguai. Trazia em suas páginas desde notas sobre a sociedade de Pelotas e notícias da cidade de Rio Grande, até assuntos internacionais, por exemplo, os últimos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O jornal também apresentava uma longa lista de anúncios direcionados ao público feminino (cortes de tecido, espartilhos e meias de seda) e para o masculino (goma para cabelos e barbeiro) ou anúncios diversos, como de xaropes e de casas fúnebres. Outros tipos de publicações eram poemas, contos, notas de falecimento, além dos casos de brigas, arruaças, homicídios, tentativas de homicídios, suicídios e raptos. Um exemplo dessas notícias é o intitulado *Scenas de sangue*, analisado por Melissa Gouvêa, como já citei anteriormente. Conforme o jornal *O Rebate* esta coluna fazia referência aos homicídios ocorridos na cidade. Sempre que o leitor avistava essa manchete, supõe-se que já entendia que ali estaria um crime de sangue, com narrativa dramática e contado de forma detalhada os crimes da cidade (GOUVÊA, 2012, p. 09;18;62).

Era um jornal que já trazia em seu próprio título o seu propósito, que era o de *rebater* os acontecimentos da cidade, confrontando as autoridades competentes, contrariando o outro jornal da cidade, o *Diário Popular*<sup>8</sup> que trazia em seu contexto o apoio ao governo do PRR. Com essa postura o periódico dava voz aos questionamentos das ruas, pois apontava os erros e os descasos que eram apresentados de maneiras distintas entre a imprensa local.

O editor chefe, Frediano Trebbi, fazia questão de que *O Rebate* fosse visto como um jornal imparcial, independente e sem posição política, porém ao ler o periódico fica clara sua crítica feroz ao governo da cidade, já que Pelotas tinha vínculos com o partido da situação, PRR (Partido Republicano Riograndense) e o jornal não esconde sua simpatia pelo federalismo. Esse fato

---

<sup>8</sup>Sobre o jornal *Diário Popular*, ver: (CAETANO, 2014).

é muito importante, pois explica as duras críticas aos governantes pelotenses, revelando e explorando os problemas da cidade. Pelotas agora tenta se encaixar nos novos tempos, buscando a modernização e *O Rebate* é fundamental para a fiscalização desses projetos.

As notícias do jornal eram carregadas de ironia e muitas vezes com duplo sentido, deste modo deixavam que os próprios leitores interpretassem as publicações. Mas isto não quer dizer que o jornal omitia suas intenções, pelo contrário, usava a ironia como forma de ataque dissimulado ao governo da cidade.

Outro aspecto que se percebe ao ler *O Rebate*, é o preconceito em suas publicações. Seus alvos mais constantes eram os negros, os pobres e as mulheres, essas últimas sendo constantemente retratadas com termos pejorativos. Esse tipo de comportamento era comum a época pela sociedade, pois o jornal queria manter a “beleza moral da cidade” (GOUVÊA, 2012, p.53).

#### **1.4 Sensacionalismo**

Um dos traços do jornal *O Rebate* é a forma como são anunciados os casos, com chamadas de grande impacto que causem a curiosidade instantânea no leitor. O título incessantemente dramático e o subtítulo, quase sempre, contendo um suspense para deste modo aguçar a curiosidade.

Quando a notícia era relacionada a pessoas negras, os termos eram *pretos, cor de carvão* etc., as mulheres eram reservadas os mais diversos enunciados, mas o fato que se observa é que o jornal acabava por tratá-las como prováveis prostitutas.

A misoginia é um dos preconceitos mais marcantes em *O Rebate*, pois das mulheres da sociedade da época, eram exigidas posturas que a vida, às vezes, se encarregava de desviar e as mulheres do século XX, passavam pelo julgamento de uma sociedade que excluía quem ousasse ir contra ela e as regras eram muitas e deviam ser seguidas, pois “um sistema rígido de valores

exigia a coerência de comportamentos, o que era difícil numa época de mudanças aceleradas" (DEL PRIORE,2011, p.80).

Esse tipo de jornalismo dramático e exagerado é conhecido como *sensacionalista* e como já citado na introdução, Danilo Angrimani Sobrinho discorreu sobre os conceitos dados por variados autores. O que vejo em comum é o fato do termo sensacionalismo ser usado para o tipo de imprensa que utiliza um jeito de apresentar a notícia, na sua maioria crimes, nos quais o que chama a atenção do leitor são os detalhes que são divulgados, sempre com muito drama e tendo dor, sangue ou desfechos incríveis. Um exemplo é o caso *Uma Megera-criança espancada- na Favela*, caso ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 1905, e analisado por Romulo Mattos em sua tese de doutorado (MATTOS,2008, p.107). A manchete já induz o leitor ao julgamento, seja pelo fato de ser moradora da favela ou por ser mulher, isso não importa para o jornal que ali usa a manchete como atrativo para os leitores, que logo leem a notícia de que uma mulher pobre da favela, "uma megera", destila todo o seu ódio gratuito sobre uma criança sem motivo algum aparentemente. A mulher foi levada até a delegacia e teve seu nome estampado nas páginas da *Gazeta de Notícias*, sempre chamada de megera pelo jornal.

O *sensacionalismo* pode ser dividido nos impressos de três formas: *sensacionalismo gráfico*, aquele que surge conforme as imagens são apresentadas; o *sensacionalismo linguístico*, que temos conforme as palavras são escolhidas e o *sensacionalismo temático*, que é o uso da emoção como principal foco nas matérias. No sensacionalismo gráfico a importância do fato em si é inferior a imagem que é publicada; no linguístico as palavras utilizadas devem ser usadas de modo que despertem a atenção do leitor e no sensacionalismo temático o que importa é a sensação e a emoção que a notícia irá causar e não necessariamente a responsabilidade social da informação. Podemos identificar em um jornal o uso de uma linguagem sensacionalista quando este aborda um assunto de relevância social de maneira particular ou individualista (AMARAL.2006, p.56).

Porém o sensacionalismo é tema de debate pois não é encontrado uma única definição para o termo e é muito importante entender o sentido do termo para a época analisada:

o sensacionalismo pode ser considerado um conceito errante, tanto por suas insuficiências, quanto por suas generalizações. Há interessantes conceituações sobre ele, mas o equívoco está em pressupor que um único conceito pode dar conta de todas as estratégias destinadas a gerar sensações. (AMARAL,2005, p.5)

Márcia Franz Amaral deixa claro suas dúvidas sobre essa definição que tenta encontrar, diz que talvez uma das explicações seja a de que este tipo de imprensa está direcionada para um público mais humilde, menos instruído e que quer entender e se reconhecer na notícia, desta forma acreditando ter mais visibilidade social, visto que se encontram esquecidos, praticamente a margem da sociedade e este tipo de imprensa dá voz a eles.

Essa ideia pode ser usada juntamente com o conceito de Rosa Pedroso, “o sensacionalismo é como uma forma de preenchimento ideológico junto as classes populares” (2001, p.122) , onde a autora também discute a linguagem utilizada para alcançar este público, ou seja, uma forma mais emocional de transmitir a informação, um exagero na maneira de apresentar a informação sempre com palavras ambíguas, deste modo atraindo a curiosidade dos leitores.

Para Angrimani Sobrinho “sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato” (1995, p.16). O autor chega à conclusão de que sensacionalismo é um termo que pode tentar ser explicado psicologicamente, como o jornal sendo aquele que pune e ao mesmo tempo aquele que é punido, ou seja, o jornal sensacionalista seria um meio do leitor entrar em searas não permitidas moralmente e ao mesmo tempo podendo atuar moralmente como o juiz ou então ser julgado por essa moralidade.

Portanto, o sensacionalismo na imprensa pode ser sentido nas publicações nas quais as chamadas são fortes e apelativas, o que me leva a pensar na manchete do caso aqui abordado que foi publicada em letras

maiúsculas e negrito, que suponho ser uma tentativa de chamar a atenção do leitor ao texto: O CASO DA MENOR RAPTADA! (O REBATE, 13 de outubro de 1914, p.2)

E todas as notas do caso que seguiram mantinham essa manchete em letras maiúsculas, chamando a atenção ao folhear a página. Outro dado relevante, eram os termos usados nas notícias do caso em *O Rebate*, fotografias da criança e da mãe<sup>9</sup>, além da divulgação do endereço de Luiza Bittencourt nas notas como forma a reforçar onde vivia e o local que trabalhava.

Para Marialva Barbosa e Ana Lucia Silva Enne, não é tão simples conceituar sensacionalismo e nem tão pouco podemos deixar de questionar por que este tipo de imprensa faz tanto sucesso no país:

Evidentemente que quando estamos considerando o jornalismo como sensacionalista, ou melhor, de sensações, não o fazemos apenas porque esses textos apelam às sensações físicas e psíquicas. As sensações a que nos referimos encontram-se na relação da leitura com o extraordinário, com o excepcional, aproximando esse tipo de notícia do inominável. São sensações contidas nas representações arquetípicas do melodrama e que continuam subsistindo nos modos narrativos dessas tipologias de notícias. Tal como os gostos e anseios populares – formados na longa duração –, também as sensações desse tipo de narrativa mesclam os dramas cotidianos, os melodramas, em estruturas narrativas que apelam ao imaginário que navega entre o sonho e a realidade (Barbosa, 2005). Esse tipo de jornalismo pode ser caracterizado como de sensações também porque estabelece como central a construção narrativa de mitos, figurações, representações de uma literatura que subsiste há séculos. (BARBOSA, ENNE,2005, p.69)

Outra característica do chamado jornalismo sensacionalista é o *Fait Divers*, que Angrimani Sobrinho (1995, p.25) cita como

“componente indispensável da imprensa sensacionalista, segundo o Grande Dicionário Universal do Século XIX de Pierre Larousse (...) é uma rubrica sob a qual os jornais publicam com ilustrações as notícias de gêneros diversos que ocorrem no mundo”.

Os *fait divers* também estavam presentes no jornal *O Rebate*, pois como já explicado acima, as notícias não precisavam ter ligação entre si e podiam ser curtas e rápidas, ou seja, exatamente o modo que o jornal dispunha seu

---

<sup>9</sup> As fotografias de Luiza e Florêncio Bittencourt publicadas no jornal *O Rebate*, serão apresentadas no capítulo 2 deste trabalho.

conteúdo. Notas rápidas que iam desde uma arruaça feita por ‘almofadinhas’ de Rio Grande na saída de uma festa (*O REBATE*, 01 de setembro de 1914, p.2), até uma tentativa de suicídio (*O REBATE*, 08 de setembro de 1914, p.2).

Desta forma podemos ter a clareza de que a imprensa tem em sua constituição o intuito de informar, porém por vezes esse tipo de informação pode ter um viés específico que faça com que a notícia seja dada de forma a alcançar o público e o objetivo desejado.

Os jornais com viés sensacionalistas tendem a exagerar em suas publicações para deste modo aumentarem o seu público leitor, mas temos que levar em consideração casos como o do jornal *O Rebate* que tinha como principal intenção, compreendida ao pesquisar o periódico, trazer à tona os problemas da cidade oriundos de uma administração que, aos olhos do jornal, era incapaz de resolver as questões municipais.

Como já vimos, durante o processo de pesquisa, o embate entre PRR e os federalistas ainda estava em pé e como o editor chefe do *O Rebate*, Frediano Trebbi, tinha uma posição política a qual não escondia, percebe-se que em cada nota sobre os problemas da administração da cidade era visível uma crítica severa que deixava claro que a fiscalização seria constante, visto que Pelotas tinha um governo ligado ao PRR e que trazia na imprensa da situação o apoio necessário para que suas ideias fossem propagadas.

A imprensa teve papel fundamental neste embate, tanto no lado da situação quanto da oposição, porque ambos utilizavam os jornais como estratégia contra seus opositores. *O Rebate* foi um dos jornais que rebatia os acontecimentos em que o PRR estava envolvido, pois as redações dos jornais da época foram importantes palcos de militância entre os dois grupos “assumindo um papel de protagonismo e vital importância para os grupos em conflito”(DAL FORNO, 2015, p.35) e o jornal *O Rebate* tem espaço, juntamente com outro jornal pelotense, *A Opinião Pública*, entre a impressa de oposição ao PRR, quando utilizava suas páginas para dar credibilidade a causa, noticiando fraudes nas eleições de 1922 ou mostrando as deficiências do governo de Borges de Medeiros, dessa maneira estava mantendo seu compromisso com a causa a qual acreditava.

Em uma cidade onde a população mais pobre estava aos poucos sendo levada para os arredores, as zonas mais pobres e periféricas, pois o município estava em uma espécie de “bota-abixo” de Pereira Passos<sup>10</sup>, os casos com essa gente que frequentava os bares, botequins e casas de maxixes etc., eram uma fonte rica para as notas rápidas e sensacionalistas de *O Rebate*.

E o caso já mencionado foi um desses que poderia ter sido apenas mais uma nota de canto de página, mas tornou-se uma “novela cotidiana” com direito a mocinho, vilã, herói e intrigas, ou seja, um roteiro que parecia feito para as páginas de *O Rebate* e que será apresentada e analisada no capítulo seguinte.

---

<sup>10</sup> Prefeito do Rio de Janeiro, que fez uma reforma urbana na cidade em 1904 o que acarretou o desalojamento de moradores do centro da cidade, que tiveram que subir os morros próximos ou ir para o litoral, ou seja, para as áreas periféricas dando início as favelas cariocas. Esse desalojamento foi realizado de modo violento contra a população mais pobre com a desculpa de higienizar e melhorar o saneamento da cidade. Sobre a reforma urbana de Pereira Passos, ver: MATTOS, 2008.

## **CAPÍTULO 2**

### **O CASO DA MENOR RAPTADA**

#### **2.1 *O Rebate* para a pesquisa**

Como já abordado, o jornal *O Rebate*, teve como característica principal a escrita “irônica” e sensacionalista. Era um jornal um tanto quanto polêmico, pois possuía uma linguagem preconceituosa (para os tempos atuais) explicitamente. Além de ser um jornal onde a política era alvo de críticas, também possuía em seus editoriais, colunas especializadas em dramatizar e contar detalhadamente de forma quase romanceada, dramas vividos pela população da cidade de Pelotas, tendo como alvos principais os negros, os pobres e principalmente as mulheres.

Um dos casos noticiados em *O Rebate*, é o que me traz até este trabalho visto que tudo o que já foi dito anteriormente cabe perfeitamente no conjunto de notícias que aqui será analisado. A questão do preconceito e do pré-julgamento moral é, neste caso de rapto, explorado até os últimos níveis, sempre com o suposto intuito de proteger a moral da família de bem.

Neste capítulo, a narração do caso em questão, será dada nos detalhes pesquisados e analisados nas edições do jornal *O Rebate* que podem ser encontradas somente no CDOV da Biblioteca Pública Pelotense.

Como se tratava de um jornal que usava a ironia para criticar e contar as mazelas da cidade, *O Rebate* passa a ser uma fonte rica de informações cotidianas e serve também como uma maneira de observar a sociedade da época em que este circulou.

Entender o contexto é imprescindível para que a pesquisa ganhe coerência. Portanto, ao analisar *O Rebate*, posso perceber como a história pessoas comuns se relaciona com a história de figuras ilustres da cidade que hoje dão nomes a ruas, praças e escolas.

Adentro então no caso da menor raptada que foi amplamente explorado pelo periódico, tendo como alvos a mulher (Luíza Bittencourt) e as figuras políticas e da lei da cidade na época.

## 2.2 Os personagens

Ao ler o jornal, é possível identificar claramente os papéis definidos pelo *O Rebate* para cada um dos envolvidos no caso:

- Luiza Bittencourt, a mãe, é apontada como a suposta vilã do caso (acusada de raptar a própria filha e de ter “protetores” na cidade);
- Florêncio Bittencourt, vítima, a menor raptada (pobre menina arrancada do colo paterno);
- Armando Bittencourt, o pai, o mocinho que luta bravamente por sua pequena filha (pai que teve sua filha raptada pela esposa megera e ingrata);
- Francisco Jesus Vernetti, vice intendente de Pelotas, aquele que tem interesses misteriosos (segundo o jornal) pela mãe da menor (protetor de Luiza);
- Ferreira, o amante, o amásio de Luíza (o cúmplice);
- Olympio Bueno, comissário da cidade que quer cumprir o seu papel como autoridade da lei (quer devolver a filha para o pai).
- Heleodoro de Souza, oficial de justiça (coadjuvante necessário para o desfecho do caso).

E são essas palavras que o jornal usa para descrever aos poucos cada um destes personagens. Deixo claro que nenhum termo foi utilizado com exagero ou com a intenção de ironizar, apenas de demonstrar como o jornal se referiu a cada um dos envolvidos, durante as semanas em que o caso foi publicado.

## 2.3 O caso da menor raptada - os fatos segundo o jornal

A edição nº 54 do jornal *O Rebate* de 13 de outubro de 1914, traz na página 02 a seguinte manchete: CASO DA MENOR RAPTADA, onde é

relatado o suposto rapto da menina Florênciá Bittencourt pela sua mãe Luiza Bittencourt e a primeira referência ao caso.

O jornal conta que Luiza Bittencourt, brasileira de origem alemã e maior de 26 anos, abandonou seu lar em Porto Alegre, onde morava com o marido Armando Bittencourt e com a filha Florênciá, fugindo para Pelotas onde passou a morar com sua mãe<sup>11</sup>. Logo depois, com a ajuda da mesma, Luiza voltou até a capital e “raptou” a menor da casa da avó paterna, retornando em seguida para Pelotas, acompanhada da mãe e de sua pequena filha. Ao ter conhecimento do ocorrido, Armando Bittencourt apresentou queixa ao dr. Juiz distrital da Vara de Orphãos de Porto Alegre<sup>12</sup>, que expediu uma precatória<sup>13</sup>.

O caso começa a ser noticiado a partir desses fatos mencionados onde o jornal *O Rebate* publica o endereço de Luiza: Rua Cassiano do Nascimento 507, entre as ruas Paysandu e Marquez de Caxias<sup>14</sup>, faz insinuações sobre o envolvimento do vice intendente da cidade Francisco Jesus Vernetti no caso, além de afirmar que Luiza tem a proteção da famosa Drogaria Bojunga e também de uma casa que tinha má fama nas redondezas, a Casa Kent.

Devo lembrar que o papel do vice intendente Francisco Jesus Vernetti passa a ser explorado pelo jornal, pois é nítida a diferença de posicionamentos políticos entre o editor chefe de *O Rebate*, Frediano Trebbi, e o governo da cidade (GOUVÊA, 2012, p.22-23). Essa briga política interfere na maneira como o jornal vê a participação de Vernetti no caso e irá expor esse fato sempre de maneira irônica e sarcástica em suas publicações:

O fato em questão, singelamente narrado nas suas linhas gerais, dispensa maiores comentários, dando bem a medida do apreço em que é tida a lei, nesta terra de compadrescos e politicagem. (*O REBATE*, 13 de outubro de 1914, p.2)

---

<sup>11</sup> O jornal não publica o nome da mãe de Luiza e não explica se esta residia em Pelotas anteriormente ou se veio para a cidade, somente para acompanhar a filha.

<sup>12</sup> Sobre Vara de Orphãos de Porto Alegre, ver: CARDOZO, 2010, p.42.

<sup>13</sup> Ato pelo qual um juiz requisita a outro magistrado, de igual ou superior categoria funcional, sediado em comarca diversa, que pratique ou determine o cumprimento de diligências ou demais atos processuais pertinentes a um caso submetido à apreciação do primeiro, mas que só pode ser realizado na área de competência territorial do segundo. Para mais, ver: Glossário Jurídico-STF. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/glossario/>. Acesso em: 06 dez,2019.

<sup>14</sup> Atuais ruas Dr. Cassiano, Barão de Santa Tecla e Santos Dumont, respectivamente.

Na edição de 14 de outubro de 1914, *O Rebate* descreve a casa de Luiza aos leitores como “um prédio de portas e janelas em frente a Sociedade Italiana” e novamente informa a rua e o número da residência. Além disso, afirma que tem conhecimento de que Luiza seria amásia de um conhecido comissário da praça, sem revelar o nome desse suposto novo envolvimento da acusada. Neste dia, o jornal relata que um de seus repórteres conseguira entrar disfarçadamente na casa, e então, descreveu como era o imóvel por dentro. Cada móvel e cômodo foi descrito detalhadamente pelo repórter, desde a sala até os quartos e a varanda. Uma das descrições foi a de ter visto brinquedos de menina pela casa, porém não encontrou ninguém dentro desta ou mais objetos que pudessem afirmar que Florêncio estivera ali.

Em 15 de outubro de 1914, *O Rebate*, além de novamente publicar o endereço de Luiza, informa o leitor do descumprimento da precatória expedida pelo juiz distrital da capital. O jornal fala de como isso pode trazer problemas à cidade e aproveita para mais uma vez questionar os reais motivos de o vice intendente Vernetti estar ajudando a mãe da menor. Segundo o jornal, uma leitora “Vernettiana”, teria questionado essa ajuda para com uma mulher chamada por ela de “decaída”:

Que significa esse manto de misericórdia vulgar, depois de enxovalhar a honra do marido(...) (O REBATE, 15 de outubro de 1914, p.2)

Esse posicionamento de *O Rebate* era muito utilizado para expor os problemas da cidade, portanto quando a precatória do juiz de Porto Alegre é descumprida, o jornal aproveita a oportunidade para apontar os erros do governo municipal. Ao falar em Vernettianos, o periódico usa tom de “ironia” para, desta maneira, fazer uma crítica sobre a forma como a lei é tratada na cidade (GOUVÊA, 2012, p.32).

Voltando ao jornal, à edição de 17 de outubro de 1914, traz a confirmação da notícia do dia anterior e de que o oficial de justiça da cidade, Heleodoro José de Souza, foi ameaçado e perseguido pela polícia especialmente pelo comissário Olympio Bueno do 3º posto. O oficial de justiça relatou que o comissário “tentou dar-lhe de relho, além de ter um policial à

paisana rondando a sua casa". Sobre isso *O Rebate* publica: "A moralidade da justiça pública ameaçada!" e chama o vice intendente Vernetti e o oficial de justiça Heleodoro de "protetores de mulheres transviadas".

Na edição do dia 20 de outubro de 1914, é divulgado que Luiza trocou de endereço, que foi revelado como o anterior, rua XV de Novembro próximo à praça Júlio de Castilhos<sup>15</sup>. Também continua a indignação do jornal com o desacato a precatória por parte das autoridades municipais. Então o jornal afirma que Armando teria viajado até Pelotas com a carta precatória em mãos e acompanhado de um famoso advogado da época, Dr. Masera, a fim de cumprir de vez o mandado.

Somente no dia 21 de outubro de 1914, o vice intendente Francisco Jesus Vernetti, abre o processo sobre o rapto, sobre isto o jornal *O Rebate*, ironizou dizendo que Vernetti abriu o "gracioso caso". O oficial de justiça Heleodoro foi intimado a depor sobre a demora do cumprimento da precatória e mais uma vez o periódico lança dúvidas sobre a presença de Vernetti na Casa Kent, lugar de fama duvidosa que teria ajudado Luiza a esconder a filha da polícia.

Os ataques ao vice intendente Vernetti voltam a acontecer na edição do dia 23 de outubro de 1914. Vernetti é chamado pelo jornal de "padrasto ala minuta" e o jornal publica rimas irônicas usando o nome do vice intendente:

Para quem appellar?  
Para com sr Vernetti?!  
Cruzes!  
Melhor seria pedir proteção de Mephistopheles.  
(O REBATE, 23 de outubro de 1914, p.2)

No dia 24 de outubro de 1914 o jornal *O Rebate* tem mais ataques as autoridades locais e aos vizinhos de Luiza, que o jornal afirma terem ajudado a mãe a raptar a filha, que é tratada pelo periódico como uma "mísera" menor. *O Rebate* publica que Luiza escondeu a filha com a ajuda destes amigos e que tudo o que esta conta sobre o ex-marido, principalmente que Armando teria voltado para Porto Alegre e com o dinheiro de empréstimos feitos para ajudar a resolver o caso, teria caído na *esbórnia* na capital. Porém Armando tem

---

<sup>15</sup>Atual parque Dom Antônio Zattera.

conhecidos em Pelotas que saem em sua defesa e que juntamente com o jornal acusam Luiza de mentir para não devolver a filha.

Em 26 de outubro de 1914, Vernetti é mais uma vez citado por *O Rebate* em relação ao caso da menor raptada, desta vez é chamado de exibicionista pelo jornal pois contrata um advogado para descobrir quem está protegendo Luiza Bittencourt. Com isso o jornal aproveita e faz uma ironia usando o nome de Vernetti e de Alan Kardec<sup>16</sup>: “Avé, Jesus, os que vão morrer na queda do teu processo te saúdam”. Para ajudar Luiza, entra no caso o advogado dr. Bisborria.

Em nove edições seguidas, o caso do rapto da menor foi publicado. Até aqui é possível perceber o que o sensacionalismo faz em uma notícia, ou seja,

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexiste a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional. (ANGRIMANI, 1995, p.16)

Podemos perceber isso na forma como *O Rebate* ataca o vice intendente e demais autoridades, sempre usando a ironia e o deboche para dar a informação, mas principalmente quando se refere a Luiza Bittencourt, que é apresentada e representada com termos pejorativos e preconceituosos, lhe atribuindo amantes diversos que não são confirmados ou publicando seu endereço, seus hábitos e seu suposto círculo de amizade.

Assim, em 27 de outubro de 1914, *O Rebate* informa que Luiza tem um novo amante chamado Ferreira, que este teria ajudado a escrever seu novo nome (segundo o jornal, Luiza não sabia escrever na língua portuguesa) Maria Luiza Krug, que possivelmente seria seu nome de solteira. Ela também havia se mudado novamente para a antiga residência na rua Cassiano do Nascimento e trabalhava como modista.

---

<sup>16</sup>Francisco Jesus Vernetti era espírita e foi o fundador do Centro Espírita Jesus, em 1919, na cidade de Pelotas.

A edição de 28 de outubro traz as fotografias de mãe e filha na primeira página e junto com as fotografias (figura 01). O caso é contado em detalhes de forma dramática e comovente, no qual o pai Armando Bittencourt, dá a sua versão dos acontecimentos, acusando a ex-esposa de trabalhar em uma casa de prostituição. O marido conta que Luiza pediu que lhe fosse dada permissão para trabalhar de modista, pedido que foi concedido pelo marido prontamente, porém, na verdade, segundo Armando Bittencourt, a ex-mulher encaminhava-se para a casa de prostituição de uma “irmã” e quando o marido a chamou “as contas” Luiza negou, mas Armando Bittencourt tinha testemunhas oculares e para não ser desmentida, esta fugiu retornando depois de três meses e sigilosamente raptou a própria filha da casa da vó paterna, com a ajuda de sua mãe.



Figura 01 - Luiza Bittencourt e Florêncio Bittencourt

(*O Rebate* 28 de outubro de 1914))

Como é possível observar, o marido acusa, mas em nenhum momento ele prova o que diz. O jornal publica em detalhes cada palavra, sempre destacando a suposta promiscuidade e o mau caráter de Luiza Bittencourt, desta forma vai criando a vilã e o mocinho em uma trama repleta de personagens e de suposições. Para Marialva Barbosa e Ana Lucia Enne

Ao procurar transpor a realidade para a narrativa, o autor dessas notícias procura construir personagens e representações arquetípicas. Quando consegue, permite que a narrativa represente a existência, atingindo diretamente o público. Não é a representação de dados concretos que produz o senso de realidade, mas a sugestão de uma certa generalidade. O público é, assim, movido tanto pelo inusitado da trama, quanto pela participação – ainda que indireta – na vida daqueles personagens. Essas notícias podem também inserir em ambientes estranhos. Podem também remontar a realidade como um conto folhetinesco ou uma cena dos cinematógrafos. Produzem, enfim, elos de identificação com o público. (BARBOSA, ENNE,2005, p.70)

Todas essas informações e especulações lançadas pelo *O Rebate*, são identificadas como uma forma de sensacionalismo e, neste caso em especial, Luiza é julgada a cada publicação de forma explícita e sem rodeios.

A edição de 29 de outubro traz acusações sérias contra Luiza. O jornal relata que a menina Florêncio sofre maus tratos e que esses são causados pela própria mãe. Nas páginas do periódico é descrita a forma como a menina é tratada pela mãe:

A menina deve permanecer ajoelhada em grãos de milho. Se chora: dão-lhe bordoadas, amordaçam-na e amarram-na por longo tempo!! (O REBATE,29 de outubro de 1914, p.2)

Mais uma vez o jornal apela para o sensacionalismo em suas páginas, relatando a vida da menina em detalhes dramáticos e de forma preconceituosa para com a mãe, Luiza Bittencourt.

Em 30 de outubro de 1914, *O Rebate* conta aos leitores que Luiza e Ferreira são efetivamente amantes, inclusive acrescenta a notícia que Ferreira teria dito em um armazém no centro da cidade que não entregariam a menina, ou seja, o suposto amante teria confessado que Florêncio estava na casa de Luiza. Com isso o jornal pergunta como pode um pai ficar sem sua filha, enquanto a mãe a maltrata? Nesta mesma edição *O Rebate* faz menção ao jornal *Diário Popular* (1914, p.3) que no dia anterior publicou uma nota

relatando o caso e dava informações de que o ex-marido, Armando Bittencourt, teria encomendado uma invasão a casa de Luiza para resgatar sua filha. O *Rebate* diz que o outro jornal é conivente com o rapto e que tudo não passa de mentiras espalhadas pela própria Luiza a fim de culpar o pai de Florência:

O sr. Bittencourt entrou em outras considerações sobre sua mulher, demonstrando-nos que ella é capaz dessa e de outras fitas. (O *REBATE*, 30 de outubro de 1914)

O dia 31 de outubro de 1914 é o aniversário de 5 anos de Florência Bittencourt e, então, o Jornal publica novamente a fotografia da menina com um texto dramático e repleto de cobranças e de críticas a polícia municipal. Neste número, O *Rebate* comenta sobre as notas dadas pelos jornais *Diário Popular* e *Correio Mercantil* sobre o caso. Ao *Diário Popular*, o periódico reitera todas as informações dadas até então e diz:

A local do *Diário Popular*, está redigida em termos capciosos, como em regra geral são as notícias que não lhe convém discutir. (O *REBATE*, 31 de outubro de 1914, p.2)

Sobre o *Correio Mercantil*, o periódico desdenha o fato de o jornal publicar as queixas de Luiza contra o ex-marido, que afirma ter fugido pois sofria agressões do cônjuge e trata a publicação do outro veículo da imprensa como besteira:

Também iludido pela lábia de Luiza, o *Correio Mercantil*, reclama providências da polícia contra os desacatos sofridos por Luiza. (O *REBATE*, 31 de outubro de 1914, p.2)

No dia 1º de novembro de 1914, o jornal *O Rebate* publica uma pequena nota relembrando o caso e avisa aos leitores: “Amanhã pois, voltaremos a cumprir o nosso dever de jornalistas independentes” (*O Rebate*, 01 de novembro de 1914, p.2).

Em 04 de novembro de 1914, a notícia sobre o caso do rapto da menor Florência, começa com uma nova divulgação do endereço da casa de Luiza. O jornal também faz referência a seu suposto amásio, o comissionista comercial Ferreira, vulgo Pó de Mosquito, que teria disparado um tiro de revólver no quintal da casa de Luiza Bittencourt. O *Rebate* ironiza o episódio quando diz que o disparo não teria sido para demonstrar valentia ou afugentar os curiosos

e sim para “espantar...mosquito!” Neste dia é relatado também que Armando Bittencourt teria viajado de volta para Porto Alegre, pois estaria cansado e descontente com os desdobramentos do caso.

## **2.4 Scenas Degradantes!!! O Resgate de Florênciia Bittencourt**

### **NOVA PRECATÓRIA CUMPRIDA**

Resistência a mão armada- Um escrivão invisível...

Outro escrivão fala ao ouvido da megera

### **SCENAS DEGRADANTES!**

O povo indignado reclama a entrega da menor

A polícia não pode ir em socorro da autoridade para efetuar um mandado; mas pode descarregar seus revólveres contra o povo que pedia o cumprimento da lei.

Grandes arruaças- Várias pessoas feridas

Onde estamos? – Para onde vamos?

A JUSTIÇA SERÁ MESMO UMA UTOPIA?!(O REBATE,05 de novembro de 1914, p.1)

O jornal *O Rebate*, de 05 de novembro de 1914, traz a manchete: NOVA PRECATÓRIA CUMPRIDA, ocupando duas páginas do periódico com o resgate relatado nas páginas do jornal minuciosamente e trazendo novamente as fotos de mãe e filha, Luiza e Florênciia.

Segundo *O Rebate*, o 3º escrivão de Orphãos da cidade responsável pelo bem-estar da menor, Maximiano José do Monte não cumpria sua tarefa adequadamente, neste caso deveria lavrar o mandado para o juiz distrital assinar, pois aquele nunca se encontrava em seu local de trabalho e isso se transforma em motivo para que o jornal deboche de sua assiduidade como escrivão e também para atrapalhar o andamento do caso.

Segundo *O Rebate*, o oficial de justiça Heleodoro José de Souza, dirige-se a residência de Luiza Bittencourt com a precatória a ser cumprida, porém a mulher o recebe na janela de sua casa xingando-o com impropérios, declarando que não entregaria a filha, enquanto isso sua mãe apontava um revólver para o oficial e ameaçava-o de morte. Mesmo assim, “oferecendo o peito as balas da tresloucada mulher”, Heleodoro lavra o auto de resistência e,

ao narrar o acontecido, é requerido ao sr. juiz distrital que envie força pública como auxílio.

Ao ser deferido o pedido de força policial para cumprir a diligência, novo impedimento aconteceu, pois o escrivão não fora encontrado. Em relação a esse fato, *O Rebate* ironizou desta maneira: “a esfinge do escrivão de Orphãos, como uma das pirâmides do Egito, permanecia inabalável no seu sistema de invisibilidade”.

Enquanto isso a notícia do desfecho do rapto da menor chega até os populares que se aglomeram nas quadras adjacentes a casa de Luiza, a fim de ver o resgate de Florência.

O jornal relata que, ao anoitecer, um apito muito alto fez-se ouvir vindo do interior da residência e que ao mesmo tempo deste apito, teria havido um disparo de arma de fogo na casa. Segundo *O Rebate* esse apito foi para abafar o som do tiro e desta forma causar alvoroço entre os espectadores do caso ali presentes. Depois de muita conversa entre as partes envolvidas e autoridades, Luiza permitiu que o escrivão de polícia Carlos Souza entrasse na casa acompanhado de três praças da polícia, o qual, conforme publicou o jornal, “confabulou com a megera”.

Neste momento a aglomeração ao redor da casa da rua Cassiano do Nascimento só fazia aumentar e foi então que um pouco depois das 21h, um paisano desferiu um tiro para o alto, causando a imediata reação da polícia presente.

*O Rebate* conta que a polícia reagiu com “extrema selvageria” e com todo o seu reforço, desferiu mais de 20 tiros de Nagant<sup>17</sup>, causando enorme confusão entre os presentes e deixando alguns populares feridos.

Entre os feridos estavam Cícero Ávila, 31 anos, padeiro que teve o pulso esquerdo atingido enquanto conversava na esquina da rua Marquez de Caxias, Roberto Vargas que foi alvejado no braço direito, João Wayller, 30 anos, sapateiro, que teve o lábio superior ferido por bala de revolver e Manoel Henrique, mensageiro, que teve uma das mãos atingidas pelos disparos.

---

<sup>17</sup>Revólver belga de sete tiros.

Desses feridos, foram relatados também que uma pessoa teria sido baleada no rosto e outra na mão. Os feridos João e Cícero foram encaminhados aos serviços da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Sobre o tiroteio, *O Rebate* conta que existiam boatos de que este foi ordenado pelo comissário Olympio Bueno, mas o jornal não apresenta provas sobre isso. Logo depois do trágico fim do episódio do rapto, o tumulto foi dispersado e a quadra foi tomada por contingentes policiais e assim permaneceu até a manhã do dia seguinte.

Luiza foi intimada a render-se e entregar a filha Florência ao pai. Neste momento estavam na casa o juiz distrital Henrique d'Ávila Gonçalves, o delegado de polícia João Carlos Machado e os escrivães Carlos Souza e Maximiano José do Monte. O auto de apreensão da menor foi lavrado na própria residência na presença de Luiza e Armando.

Com o desfecho do caso, *O Rebate* é aclamado, segundo palavras do próprio jornal, quando a menor Florência é entregue ao pai pela sua mãe Luiza, *a megera*

O povo que estacionava no local, constituindo verdadeira multidão, prorrompeu em vivas e aclamações ao *O Rebate* ao seu diretor e a quantos contribuíram para a vitória da justiça, neste pleito sensacional. (*O REBATE*, 06 de novembro de 1914, p.1)

e mais uma vez o jornal, permite que o público seja o juiz da moral acompanhando o caso de Luiza que é descrita como uma mãe transviada e uma mulher decaída. Desta maneira o jornal transfere para o leitor o pré-julgamento do caso

Mas historiemos os fatos e o público que se encarregue de fazer os devidos comentários, constituindo-se em juiz supremo. (*O REBATE*, 05 de novembro de 1914, p.1)

Com tudo isso, *O Rebate* comemora que ao menos o direito à justiça e a vitória do caso obtiveram o êxito esperado pelos leitores do periódico.

## 2.5 Florência e a repercussão do desfecho do rapto

A edição de *O Rebate* de 06 de novembro de 1914 traz a notícia do dia anterior, repetindo a matéria de capa e as fotografias (figura 2), juntamente com as novidades sobre o caso. O jornal chama a atenção de que tudo o que está acontecendo em Pelotas “há de repercutir lá fora, em desabono dos créditos de povo civilizado e ordeiro” e por isso declara:

O que está acontecendo em torno do caso da menor Florênciia Bittencourt é uma miséria, um escândalo, uma afronta solene a sociedade honesta”. (O REBATE, 06 de novembro de 1914, p.1)

Então o jornal passou a narrar o encontro de Florênciia com o pai, descrevendo a menina como uma criança “vivaz, simpática ao extremo, de lindos olhos brilhantes e demonstra grande inteligência”, que ela agarrara-se ao pescoço do pai com carinho e que contava em detalhes os seus dias de cativeiro, sempre ratificando as notícias publicadas por *O Rebate*. A menina e o pai voltaram para a capital onde morava sua avó paterna, de quem Florênciia guardava grande carinho.



Outro fato destacado pelo jornal sobre o caso foi o depoimento de Heleodoro José de Souza, oficial de justiça, que garante ter visto o ordenança do vice intendente Francisco Jesus Vernetti, o policial José Duarte, retirar da casa de Luiza Bittencourt às 06 horas da manhã, ao menos, duas trouxas que foram levadas até o carro de praça nº 55 e que estava sendo guiado pelo boieiro Nery e que este se dirigiu até a estação férrea. Quanto a este fato, o jornal pergunta “o que significa isto?”

Para questionar a acusação de Heleodoro, o escrivão da polícia Carlos Souza, afirma que o oficial de justiça estaria embriagado ao realizar a diligência da menor. *O Rebate* confirma ser este boato de embriaguez uma calúnia, tendo testemunhas disso, que o oficial estava completamente lúcido e que tudo não passou de maldizeres do escrivão.

Também relata a prisão por motivo de baderna de dois comerciantes da rua Cassiano do Nascimento que teriam se manifestado contra a violência praticada pela polícia, sendo soltos apenas no dia seguinte à tarde.

Ainda nesta edição de *O Rebate*, é publicado na íntegra o interrogatório da menina Florêncio Bittencourt, de 5 anos de idade, onde é narrado de forma quase teatral cada resposta que a menor teria dado as perguntas feitas pelo delegado. Além disso, o jornal relata os presentes que a menina ganhou de pessoas que se sensibilizaram com seu caso, como a boneca presenteada pelos proprietários do Palácio de Crystal – Sica & Teixeira.

O jornal *Diário Popular* também traz em sua edição do dia 06 de novembro informações sobre o rapto de Florêncio. Na página 02 do periódico é noticiada a entrega da menina ao pai, a curiosidade pública e a enorme multidão que havia em torno da casa, os disparos ocorridos, o relato de dois feridos e o desfecho do caso.

Em 07 de novembro de 1914 o jornal *O Rebate* traz informações que fazem aumentar a repercussão do caso. Uma informante anônima teria afirmado que Luiza Bittencourt teria feito “feitiço” para que o ex-marido, Armando, morresse e que este serviço teria sido realizado em Porto Alegre, mas, como se sabe, não surtira efeito. O jornal também parecia incentivar o

leitor ao julgamento de Luiza quando trazia perguntas de como podia esta jovem senhora ser zelosa e amar sua filha, se depois do acontecido ficava em companhia de sua mãe, na janela, avistando os transeuntes que por ali passavam não demonstrando nem um pouco de saudade ou tristeza por ter perdido a pequena Florênci?

No dia 08 de novembro de 1914 o jornal da capital *O Diário de Porto Alegre*, noticia o caso do rapto da menor em Pelotas, porém com uma versão diferente de *O Rebate*. O jornal porto-alegrense diz que o ato de despedida da menina e da mãe foi comovente, que o povo aplaudiu as autoridades e que foram os populares quem dispararam os tiros, além disso *O Diário de Porto Alegre* traz dúvidas sobre a real culpa da mãe. Essa publicação não é bem vista pelo *O Rebate* que no dia 09 de novembro de 1914 traz uma nota desmentindo o jornal da capital.

O caso do rapto da menor Florênci Bittencourt foi muito explorado pelo jornal *O Rebate*, seu interrogatório mostrou como era uma menina inteligente, mas ao ler as edições, não consigo distinguir o que, de fato, foi falado pela pequena e o que foi escrito de forma “floreada” pelo jornal. As acusações de maus tratos nunca foram comprovadas e a criança voltou para a casa da avó paterna. Quanto a Luiza o jornal não oferece nenhuma informação que mostre o que de fato aconteceu depois do caso resolvido e nem se esta foi considerada culpada pelo rapto conforme a lei.

## **CONCLUSÃO**

Em 13 de outubro de 1914, o jornal *O Rebate* deu a primeira nota sobre o caso do rapto da menor Florêncio Bittencourt, apresentando os personagens envolvidos (mãe, pai e filha) com detalhes e com uma linguagem que poderia ser considerada como teatral.

Nesse período a cidade de Pelotas passava por um processo de modernização intensa, onde a população mais pobre, foi instalada em zonas periféricas nos arredores da cidade. Eram esses locais grandes fontes de notícias para *O Rebate*, que tinha uma linha editorial que explorava todos os tipos de crimes que costumavam ocorrer, principalmente, entre essa classe menos favorecida financeiramente.

Quando Danilo Angrimani Sobrinho diz que “sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato” (1995, p.16), consigo entender essa relação do jornal com Luiza Bittencourt e com o caso do rapto, tendo como referência o excesso de acusações e de teorias contra a mãe. Em outras palavras, Luiza tem em sua história um emaranhado de possíveis acontecimentos, por exemplo, os vários amantes que lhe são atribuídos, sua condição de mulher sozinha sem o marido, que para a sociedade da época não era bem visto, a acusação de prostituição e a do rapto da própria filha, são fatos que não são provados, mas que fazem com que o leitor se interesse pela notícia, tal qual um folhetim.

E digo que “superdimensiona o fato”, concordando com Angrimani, porque durante a análise das edições de *O Rebate* sobre o caso, pude perceber que todas as vezes que Luiza foi mencionada, um termo pejorativo foi constantemente empregado para identificá-la. Também notei que um acontecimento, que poderia ser noticiado sem muito alarde, é narrado em detalhes e de uma forma que prende a atenção de quem estava lendo no momento que as notícias ocorriam.

Como o objetivo deste trabalho é analisar o jornal em questão, tentar compreender como o sensacionalismo foi utilizado pelo jornal e assim responder a pergunta: “Luiza Bittencourt, culpada?!” , perceber como este conceito foi fundamental para que todas as ideias coubessem no argumento que o jornal usou como artifício para chamar a atenção do público para o periódico.

No capítulo 1 consigo fazer uma relação entre os conceitos de sensacionalismo pesquisados buscando encaixá-los na minha fonte. Enquanto no capítulo 2 narro o rapto segundo os articulistas, desde o início até o seu desfecho, trazendo os apontamentos do caso dia a dia, explicando todas as notas sobre ele que foram publicadas em *O Rebate*.

Porém é importante lembrar que o jornal utiliza o rapto também como posicionamento político, pois consegue fazer críticas severas ao governo municipal, principalmente ao vice intendente Francisco Jesus Vernetti. Como já citado no capítulo 1, o editor de *O Rebate*, Frediano Trebbi, era simpatizante da causa federalista e juntamente com a misoginia disfarçada de moral, colaborava para a produção de notícias repletas de ironia e duplo sentido contra mulheres, negros, pobres, assim como contra as autoridades da cidade.

Entretanto, devo esclarecer que não estou afirmando Luíza ser culpada, nem tampouco afirmo que não é, apenas procurei entender como o jornal usou essa dúvida como ponto de partida para suas publicações. Pois essa mulher não tinha voz, ela não teve direito a defesa, pelo contrário, teve sua vida escancarada para a cidade, desde seu nome, seu endereço completo e até sua vida íntima.

Deixo claro aqui que não tenho como afirmar se o rapto existiu, de fato, ou se foi apenas uma desavença entre ex-marido e ex-mulher. O que pude perceber é que Luíza tem sua suposta “culpa” assegurada e estampada já nas frases da primeira nota sobre o caso, na qual é chamada de megera. Dessa maneira o leitor passa a conhecer a mulher já com a acusação de não ser uma boa mãe, que não tem uma vida regrada e que não toma os cuidados necessários para com a filha pequena, portanto para o jornal, CULPADA! Além disso, o trato com o pai da menor é explicitamente diferente, sempre com

respeito e empatia por estar longe da filha, o que já sabemos não acontece em relação à mãe.

Outro exemplo que pode entrar no contexto de sensacionalismo foi o interrogatório da menor, que foi entrevistada pelo delegado e confirmou cada palavra descrita pelo jornal, a menina com apenas 5 anos e relatou os “amigos” da mamãe, os supostos maus tratos com uma clareza impressionante que me faz pensar a respeito dessas “certezas” da pequena Florência, não duvidar, mas sim refletir sobre os acontecimentos.

É importante lembrar que o caso do rapto da menor foi noticiado por outros jornais da época, tais como *Diário Popular*, *Correio Mercantil* e *Diário de Porto Alegre*, provando a enorme repercussão que o caso tomou. Porém o que me chamou a atenção foi o fato destes periódicos tentarem ver o caso pelo lado de Luíza, contrariando *O Rebate* e esse fato ser tão evidente, pois toda a vez que algum jornal citava o caso, o editor Fabiano Trebbi lançava uma nota ironizando essas publicações e dando a entender que apenas *O Rebate* sabia do que acontecia, portanto ou era mentira ou foram iludidos por Luíza.

Para a pesquisa desenvolvida ficou claro que o jornal utilizava suas páginas de modo sensacionalista, transformando notícias simples em ocorrências que seriam discutidas pelos leitores do impresso, como as notícias com cunho sensacionalista que aqui foram representadas pela “megera desalmada” Luíza Bittencourt. Já Florência aparecia como a pequena que sofre sem reclamar enquanto o pai, Armando, como o injustiçado que fez de tudo para ter a filha nos braços novamente. Deste modo, acredito, ter alcançado os meus objetivos quanto a história de Luiza nas páginas de sensação do jornal *O Rebate*.

## FONTES

Jornal *O Rebate*, 1914.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Marcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: 1ºEd; 2006.

AMARAL, Marcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. **Intexto**, POA: UFRGS, v.2, n.13, jun-dez,2005, p.1-13

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARBOSA, Marialva C: ENNE, Ana Lúcia Silva. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. **Eco- Pós** (UFRJ), v.8, RJ: 2006, p. 69,70.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**– Brasil 1900-2200. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes,2013.

CRUZ, Heloisa de Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. A oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **História e Imprensa**, v. 35, p. 253-270,2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2221>> Acesso: em 12 out. 2019.

DAL FORNO, Rodrigo. **O álbum dos bandoleiros da Revolução de 1923: uma análise de política e imagem no Rio Grande do Sul na década de 1920**. Porto Alegre- UFRGS, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

DEL PRIORE, Mary. **Matar ou morrer**: a morte de Euclides da Cunha e anoite sem fim de Dilermando de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOUVÊA, Melissa Xavier. **Crimes sobre crimes. A cidade de Pelotas nas páginas do jornal *O Rebate* (1914-1923).** Pelotas- UFPel. (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Federal de Pelotas, 2012.

GOUVÊA, Melissa Xavier. **Mísera princesa destronada: crime e ordem pública em Pelotas (1902-1928).** Porto Alegre, PUCRS- Dissertação (Mestrado em História), 2015.

LUCA, Tania Regina de. História dos nós e por meio dos Periódicos. **IN: PINSKY, Carla (Org.) Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2006, p.111-153.

MAGALHÃES. Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul- Um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890).** Pelotas: ED. da UFPel: Co-edição Livraria Mundial,1993.

MATTOS, Rômulo Costa. **Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República.** Rio de Janeiro, UFF – Tese (Doutorado em História), 2008.

MOURA, Rosa Rolim. **Habitação Popular em Pelotas (1880-1950): entre políticas públicas e investimentos privados.** Porto Alegre, PUCRS- Tese (Doutorado em História), set 2006.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista.** São Paulo; Annablume, 2001.

VARGAS, Jonas Moreira. De charque, couros e escravos: a concentração de riqueza, terras e mão de obra em Pelotas (1850-1890). **Seculum: Revista da História.** João Pessoa. jan/jun, 2012, p.79.

VARGAS, Jonas. Os charqueadores de Pelotas, suas estratégias familiares e a transmissão de patrimônio (1850-1890). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História,** ANPUH. São Paulo, julho 2011.